

14 - 2ª

RUBEM BRAGA

Manuel Bandeira

QUANDO Manuel Bandeira fêz 80 anos escrevi uma crônica em «Manchete» sob o título «O que Manuel Bandeira me ensinou». Sem ânimo de escrever neste momento umas palavras de despedida ao grande morto vou apenas transcrever aqui a parte final daquela crônica:

«Pois logo depois de Bilac o poeta que me empolgou foi Manuel Bandeira. Não sei como me caiu nas mãos «Libertinagem»; acho que foi meu irmão Newton quem me deu, em 1930 ou 1931. Logo depois arranjei «Poesias», que reunia os três livros anteriores do poeta. Minha adesão a Bandeira foi imediata e completa. Ele me ajudou não apenas a namorar minhas namoradas e me conformar com o desprezo de outras, como a suportar rudes golpes afetivos que sofri, com a morte de pessoas queridas. Os versos de Bandeira passaram a fazer parte de minha vida íntima, ficaram ligados a momentos, pessoas, emoções; até hoje.

Lembro-me da surpresa e vaidade que senti, quando um pouco mais tarde, fazia crônicas para um jornal de Belo Horizonte, e me contaram que várias pessoas pensavam que Rubem Braga era pseudônimo de Manuel Bandeira. É que na verdade sofri uma grande influência de Manuel; não de suas crônicas, pois estas eu não conhecia então, mas de seus poemas. A linguagem limpa e ao mesmo tempo familiar, às vezes popular, de muitos de seus poemas, influíram em minha modesta prosa. E da melhor maneira: no sentido da clareza, da simplicidade, e de uma espécie de franqueza tranqüila de quem não se enfeita nem faz pôse para aparecer diante do público. Acho que nenhum prosador teve influência maior em minha escrita do que o poeta Manuel.

Sim, muita coisa ele me ensinou. Só não me ensinou o milagre de sua condensação lírica e musical, o pulo de gato da poesia; mas também um escrevedor de jornal e revista não precisava saber tanto...».

Q. N. 15-10-68